

Mulher maravilha, Ensino e criatividade.

Ana Emília Ferraz Brito de Oliveira¹

Renato Pereira de Figueiredo²

Resumo: O ensino pelo pensamento complexo permite a ampliação dos sentidos para a compreensão dos fenômenos na sua universalidade, sem desviar das especialidades. Possibilita à superação da visão reducionista, fragmentada e desconexa da prática educativa. Este trabalho faz parte de uma pesquisa em construção referente ao curso de Mestrado em Ensino, que tem como objetivo ligar a cultura científica à cultura humanística a partir de uma percepção multidimensional do ensino pela complexidade de Edgar Morin (2003, 2005, 2007). Pensamos na arte e literatura dos quadrinhos como potencial recurso pedagógico e, sobretudo, motivo de atração das crianças e dos jovens pelo caráter original e dinâmico. Evidenciamos o pensamento simbólico de Claud Lévi-Strauss (1993, 2008) para despertar a fertilidade educativa. Partilhamos a representação da personagem Mulher Maravilha e do mito feminino criativo em Clarissa Pínkola Estés (1999, 2007) para revelar a inventividade e a influência do princípio da antropoética (Morin, 2007) no ensino.

Palavras chaves: ensino, histórias em quadrinhos, pensamento complexo, Mulher Maravilha.

-
- 1 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Nível de Mestrado Acadêmico em Ensino pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Endereço eletrônico: anaemiliafb@yahoo.com.br
 - 2 Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Pesquisador permanente no Programa de Pós-graduação em Ensino (PPGEN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Professor Pleno do Departamento de Ciências Naturais da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Endereço Eletrônico: renatofigueiredo2005@yahoo.com.br

Introdução

Segundo Edgar Morin (2005) intelectual transdisciplinar francês e arte-são do conhecimento, o ensino tem por objetivo despertar o pensamento e ensinar a tecer ideias, tal qual tem as obras de arte, que naturalmente despertam nossos sonhos mais profundos e sentidos mais pungentes. Esse modo de pensar, embasado na teoria do pensamento complexo, trata da fertilidade pedagógica, da religação dos saberes, da compreensão multidimensional e daquela prática docente comprometida com a condição humana.

Em Morin (2003), verificamos que um dos grandes problemas do ensino se encontra na compartimentação dos saberes, na incapacidade de conectar e contextualizar os conteúdos, considerando, por conseguinte, a atrofia da aptidão criativa humana. O reducionismo estéril, o desligamento dos saberes, a fragmentação do conhecimento revela o fosso criado entre as duas culturas, científica e humanística, uma consequência do insuficiente modo de ensinar que tem optado pelo puro raciocínio quantitativo e repelido toda influência subjetiva e afetiva.

A cultura das humanidades tende a se tornar um moinho despossuído do grão das conquistas científicas sobre o mundo e sobre a vida, que deveria alimentar suas grandes interrogações; a segunda, privada da reflexão sobre os problemas gerais e globais, torna-se incapaz de pensar sobre si mesma e pensar os problemas sociais e humanos que coloca (MORIN, 2003, p. 17-18).

As duas culturas separadas representam em Morin, a impotência do conhecimento quanto à necessidade da compreensão ampliada das partes em comunhão com o todo, das relações dialógicas entre os fenômenos e da ética humana. Daí surge às incompreensões, a ausência do senso de responsabilidade, bem como o enfraquecimento da sensibilidade e da solidariedade humana, as pessoas aprendem o pensamento cego que escapa à consciência e à percepção global.

Na escola os estudantes evidentemente aprendem muitas coisas. Todavia, não conseguem integrar seus conhecimentos de modo a ter uma compreensão mais ampla, do conjunto. Para além da organização disciplinar, a ciência é separada da matemática, da geografia e assim por diante. Os alunos são ensinados a desvincular os saberes e analisá-los separadamente.

Então a aprendizagem é reduzida ao conhecimento linear das porções soltas e desarmônicas de um mesmo fenômeno.

Os educadores abarrotados de suas atividades, múltiplos focos, de puro esgotamento, seguem o sistema mecânico e essencialmente racional, distanciando-se de toda atenção profunda, do tempo da pesquisa, bem como dos princípios poéticos e do devir fecundo. Pela influência de um modelo de ensino unilateral do pensamento fecham-se para os processos criativos vitais, que fluem através da arte, da literatura e do tempo de reflexividade pedagógica.

Mas para Morin (2003) o ensino que está posto, classifica e constrói muros entre os saberes, afastando toda aptidão criativa. Essencialmente técnico e linear elege uma única forma do pensar. Por mais especializado que seja, se o pensamento é esotérico e desconectado por natureza, fecha-se nas próprias convicções. É necessária a reforma do próprio pensamento para originar a reforma do ensino, a compreensão do contexto e do complexo para uma visão circular e multidimensional que agrega e alarga.

Ainda para o autor é urgente à reforma do próprio espírito, que permitirá o emprego da inteligência plena e, bem mais do que isso, da sabedoria poética, para responder ao grande problema do desligamento das culturas. É urgente o diálogo construtor entre o pensamento objetivo e o subjetivo, entre a ciência e artes, o racionalismo e a mística. Enfim e, sobretudo, o desenvolvimento de “um pensamento que é capaz de considerar a condição humana no âmago da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar os grandes desafios da nossa época” (MORIN, 2003, p.13).

Educar para a complexidade das coisas é bifurcar condições e estratégias para acender a imaginação, as ideias e a criatividade dos alunos. Se por vezes, o ensino tal como é, pouco ou nada se faz para motivar o conhecimento transdisciplinar, aquele que está para além dos conteúdos, ligado à vida, aos sujeitos, a sublimação dos sentidos e a sabedoria. Tem esse mesmo modo, contribuído para a consciência estéril dos alunos, para formação puramente racional e por isso mesmo, insuficiente.

Morin, afirma que a literatura evidencia a complexidade da vida, pois preenche nossos pensamentos e sentidos, anima nossos sonhos e fantasias pela diversidade das histórias e personagens, despertando em nós aqueles aspectos mais dinâmicos. Estamos assim, destinados ao deslumbramento, fascínio e êxtase. “Em toda grande obra de literatura, da poesia, do cinema, da música, da pintura, da escultura, há um pensamento profundo da dimensão humana” (MORIN, 2003, p. 45).

O ensino pela dimensão complexa criativa busca resignificar os conteúdos a partir dos elementos essenciais, da cultura geral, da filosofia e evidentemente da literatura. O professor passa a despertar os alunos também para originalidade, o pensamento poético subjetivo, a imaginação e, integrar simultaneamente ao mundo objetivo, da lógica, dos conceitos. Permitindo assim, o dialogo entre os diversos modos do pensar para a inteligência universal, a resolução dos problemas escolares e da existência.

Arte e literatura, os quadrinhos no ensino

Alberto Manguel (2017), escritor argentino, explica que até onde se sabe, criamos o mundo a partir das histórias. O nosso entorno desvela o universo infinito de conjuntos codificados e conectados, de seres e fenômenos intensos na sua complexidade. Nossa vida vira história, assim com as demais, construímos nossa individualidade, aprendendo a viver em coletividade. Criamos textos e contextos para compreender sobre nós e o mundo, aspiramos por viver com sabedoria, mas carecemos de sentido e significado para ler o mundo nas suas nuances e conexões. Como na passagem do seu livro “O leitor como metáfora, o viajante a torre e a traça”.

Todas essas características complexas permitem ao texto escrito reproduzir, aos olhos do leitor, a experiência do mundo, levaram o suporte físico do texto (a tabuleta, depois o rolo de pergaminho e o códice) a ser visto como o próprio mundo. A propensão humana natural a encontrar em nosso ambiente físico um sentido, uma coerência, uma narrativa, seja por meio de um sistema de leis naturais ou histórias imaginadas ajudou a traduzir o vocabulário do livro num vocabulário material [...] (MANGUEL, 2017, p. 16).

O autor entende ser a leitura uma ação metafórica equiparada a uma viagem através das páginas dos livros que ativa, estimula e amplia os sentidos, do pensar, do olhar, o sentir, o ouvir e o falar. É o mundo como um livro para ler a partir de muitos modos, seja na matemática, por meio da ficção, da arte, da geologia e tantas outras acoplagens. As aventuras vivenciadas nas estórias dos livros aparecem como verdadeira experiência de vida e lição de sabedoria.

Para Claud Lévi- Strauss (2008), considerado por muitos o pai do estruturalismo, tudo o que fazemos e o modo como estruturamos os ambientes, toda a riqueza, a audácia de nossas invenções estéticas são produtos da

atividade inconsciente que se revela conscientemente. As imagens como expressões primeiras dos nossos ancestrais revela a gênese profunda do conhecimento humano, assim vivemos a testemunhar a sociedade das imagens, dos símbolos, dos textos e histórias fluindo em múltiplos sentidos e conotações.

Explica ainda que as imagens, os mitos e os contos elevam-se a uma “metalinguagem”, pois fazem o uso do significado em um grau mais elevado de complexidade. Isso quer dizer que esses modos de pensar operam sobre dois planos, o da linguagem com o seu significado corrente e o da metalinguagem que intervém num sentido para além daquele que percebemos. Nas palavras do próprio autor:

Esta assimilação desconhece que, formas de linguagem, os mitos e os contos dela fazem um uso hiper-estrutural; eles formam, o que poderíamos dizer, uma “metalinguagem” onde a estrutura é operante em todos os níveis. Por esta propriedade, aliás, eles devem ser imediatamente reconhecidos como contos ou mitos e não como narrativas históricas ou romanescas (LÉVI-STRAUSS, 1993, p. 148).

Revela o autor que esse modo de pensar nasce da nossa subjetividade em contato com o concreto, possui níveis de apreensão muito além do visível, está na estrutura fundamental da cognição humana de qualquer parte do globo. Opera pela lógica, pela imaginação e originalidade, bem como, desperta a consciência simbólica, a atribuição de sentido às imagens e aos objetos e, as mensagens enquanto circundam, podem mostrar muitas aprendizagens, valores e condutas.

Ainda para Lévi-Strauss (1993), um modelo puro e simples de apreensão das imagens, mitos e símbolos propaga um reducionismo triste, porque afastam as dimensões estéticas, emocionais e criativas, além de impedir o reconhecimento do próprio sujeito em si, num movimento espelhado de identificação e indivíduo. Pelo concreto, pelas imagens o homem aprende a organizar sua vida, passando a compreender o mundo num duplo movimento do real e fantasioso.

De igual modo percebemos essa interconexão entre leitor e texto em muitos estilos literários, todavia, parece-nos que o espontâneo interesse das crianças e dos jovens pela literatura dos quadrinhos, demonstra o seu forte potencial atrativo. Observa-se em seus aspectos dinâmicos e originais uma motivação à leitura, sobretudo, pela dimensão lúdica, pela influência e a possibilidade de compartilhar os afetos, sentimentos e impressões.

Para José Aberto Lovetro (1995) jornalista e cartunista brasileiro, as histórias em quadrinhos aparecem como uma linguagem artística, mágica, essencialmente educativa, apresenta uma sequência de imagens interpostas por espaços vazios e a nossa imaginação trata de criar as ligações. Relata os quadrinhos como um forte recurso para o ensino, pela animosidade e linguagem artística, o humor, o roteiro argumentativo e a identificação com os personagens surpreendem e cativa os alunos. Defende o uso dos quadrinhos para estimular a leitura e criatividade na sala de aula.

Portanto, ao invés de uma simples composição, o professor pode pedir aos alunos que desenvolvam uma HQ, e nem por isso estará deixando de ensinar literatura. [...] Com isso a criatividade do aluno é aguçada para o texto e o desenvolvimento de novas ideias. Acredito firmemente que está aí uma das formas de melhorarmos o ensino no Brasil (LOVETRO, 1995, p.101).

Trabalhar a literatura dos quadrinhos na sala de aula, para o autor, é imprescindível nos dias atuais, por abranger o desenvolvimento de uma infinidade de habilidades e competências para além da leitura e imaginação, como a organização, a comunicação, técnicas de desenhos e pintura, escrita, estilos dos personagens. Reitera ainda que quase todas as ações durante o ato de criação dos quadrinhos ajudam também na aprendizagem de algum ofício.

O escritor italiano Humberto Eco (2006) explica que os quadrinhos aparecem como uma linguagem típica da cultura das massas, com influência de pertencimento, nascida e criada no meio. Revela que ao analisar minuciosamente uma página dos quadrinhos, pôde extrair um emaranhado de informações e situações presentes na cultura dos grupos, sendo que, os personagens aparecem como modelos de conduta, reflexo consciente, enfim, verdadeiros mitos populares. Nas palavras do autor:

Por fim não é verdade que os meios de massa sejam estilísticos e culturalmente conservadores. Pelo fato mesmo de constituírem um conjunto de novas linguagens, têm introduzido novos modos de falar, novos estilemas, novos esquemas perceptivos (basta pensar na mecânica de percepção da imagem, nas novas gramáticas do cinema, da transmissão direta, na estória em quadrinhos, no estilo jornalístico...):-Boa ou má trata-se de uma renovação estilística, que tem, amiúde, constantes repercussões no

plano das artes chamadas superiores, promovendo-lhes o desenvolvimento (ECO, 2006, p. 47).

Ademais o autor explica que se não fosse a dimensão cultural fortemente presente, os quadrinhos ainda possuem muitos outros atributos como a inovação e criatividade, elementos nascidos da linguagem dos jovens e crianças (técnicas onomatopeias, influências pictóricas e fluidez), logo, por tudo isso e mais a função mitopoiética³, ou seja, além disso, são uma fonte de riqueza criadora que prometem ilimitadas possibilidades pedagógicas.

Além de José Lovetro e Humberto e Eco, outros autores como, por exemplo, Busarello; Biegging; Ulbricht (2013), corroboram para explicar o potencial educativo das mídias em quadrinhos no sentido de verificarem que o leitor das HQ absorve o significado das histórias a partir da arte contida nela mesma. Ambos entendem os quadrinhos como um objeto cheio de sentidos que leva à aprendizagem. Isso significa dizer que o recurso das HQ pode também ser organizado a partir dos princípios educativos relativos ao ensino.

Todos os autores aqui citados, em geral, apontam os quadrinhos como um recurso pedagógico, podendo os professores utilizá-los para a explicação de qualquer conteúdo, seguindo os princípios do planejamento, estabelecer o objetivo de aprendizagem, a contextualização dos conteúdos e a prática ou avaliação dos conhecimentos. Além disso, deve permitir a interação do aluno, contribuindo para a autorreflexão e a apropriação de novas habilidades.

Neste trabalho, fruto de uma pesquisa ainda em andamento, partilhamos os conhecimentos obtidos durante o processo de construção e aprendizagem até aqui vivenciados. Evidenciamos a importância do pensamento complexo para o ensino fecundo, que se propõe a trilhar o caminho mais desejoso pelo aluno, o do gosto por aprender. Para isso, salientamos a literatura dos quadrinhos com seu potencial pedagógico e contamos o mito da personagem Mulher Maravilha como fonte do ensino criativo, para gestar a sabedoria e instaurar o conhecimento pertinente.

Para Clarissa Pínkola Estés (1994), psicóloga, poeta e escritora norte-americana, devemos promover o conhecimento da nossa natureza instintiva a partir das histórias, mas não como se tivéssemos alheios a elas ou a nós. Penetrar em cada conto, fantasia ou mito para desenvolver a escuta interior

3 O *modus operandi* da reflexão mitopoiética, segundo Lévi-Strauss (2008) um modo de se orientar dos grupos primeiros para alcançar a inteligência poética e a capacidade de prevenir infortúnios.

que conduz ao amor e ao aprendizado e nos leva à sabedoria. As histórias são bálsamos medicinais. Achei as histórias interessantes desde que ouvi minha primeira. Elas têm uma força! Não exigem que se faça nada, que se seja nada, que se aja de nenhum modo, basta que prestemos atenção. (ESTÉS, 1999, p. 16).

Aponta as histórias são trilhas deixadas pela natureza intuitiva, porque enche de sentido nossas vidas. Por uma história, conto ou mito passamos a compreender o mundo e sermos compreendidos, pois ensinam a viver, relacionar-se, descobrir e refletir. Em cada elemento de uma história existe uma estrutura que se une ao todo, preservando a imaginação, tradição de muitas gerações para a aprendizagem e orientação. Estés (2007) revela que o mito da mulher sábia está ligado ao conhecimento profundo da nossa natureza criadora, símbolo da força feminina, da fertilidade inventiva que vai tecendo vigor e sabedoria, ensinando sobre o amor e autoconhecimento.

Trazemos a Mulher Maravilha para o ensino, porque visualizamos os seus fins didáticos e mais do que isso, humanos. Na personagem que se mostra como o mito da criatividade humana, percebemos a extensão da inventividade do feminino, da beleza e da arte. Opera cognitivamente para ajudar a pensar o ensino que desperta os sentidos e os conhecimentos mais ocultos dos professores e alunos, relacionados ao imaginário, a arte e certamente da literatura. Simboliza modos de ensinar atraentes que permitem acionar as dimensões simbólicas e lógicas da mente e despertar a sabedoria mais profunda. Sobretudo, permite a compreensão do complexo nos educadores, visão de mundo e dimensão de sujeito.

Sendo a guardiã da força, da paz e do criativo feminino, a Mulher Maravilha ensina sobre a concepção de ética humana definida por Edgar Morin, em seu livro “Método 6, ética” (2005), que orienta sobre a polaridade dos nossos próprios pensamentos do “para si” e do “para outros”, princípios oscilantes de egoísmo e altruísmo que aparecem naturalmente de maneira dialógica, antagônica e complementar.

Todo olhar sobre a ética deve reconhecer o aspecto vital do egocentrismo assim como a potencialidade fundamental do desenvolvimento do altruísmo. Todo olhar sobre a ética deve levar em consideração que sua exigência é vivida subjetivamente. Embora não haja ritual, culto, religião no sentimento do dever experimentado pelo indivíduo leigo, a especificidade subjetiva do dever dá-lhe um aspecto semelhante ao do místico [...] (MORIN, 2005, p.20-21).

Morin observa que o equilíbrio dialógico entre os polos complementares do egoísmo e altruísmo pressupõe um pensamento ético. O indivíduo adquire consciência moral e passa a viver de maneira solidária e cuidadosa em relação a si mesmo e ao outro. Todavia, com o advento da sociedade capitalista surgiram fraturas e desligamentos dos princípios éticos, competências, concorrência, tendências egocêntricas prevaleceram. É por meio da intervenção do ensino pelos valores da benevolência, solidariedade, liberdade e equidade que os sujeitos poderão viver sob os preceitos da ética comunitária.

Ao nosso prisma, a personagem Mulher Maravilha é a representação simbólica que se propõe a mostrar os princípios da ética humana pelo ensino fértil, em que o professor aguça a sua criatividade, por meio das ferramentas possíveis, como a literatura em quadrinhos, para ajudar os alunos na compreensão dos conteúdos e valores inerentes à condição humana. Possibilita aos educadores perceber a carga criativa dos quadrinhos e potencializar as estratégias de ensino, injetando dinamismo, movimento e profundidade ao pensamento dos alunos.

Lévi-Strauss (2008) explica em seu livro “O pensamento selvagem”, sobre o sujeito *bricoleur*, que se assemelha ao modo como faz um cavalo quando se desvia da sua linha reta para não chocar no obstáculo. O termo *bricoleur* vem do francês e significa aquele que usa os meios que dispuser para criar sua obra. Nas singelas palavras do autor.

O *bricoleur* está apto a executar um grande número de tarefas diversificadas, porém, ao contrário do engenheiro, não subordina nenhuma delas à obtenção de matérias-primas e de utensílios concebidos para concluir seu projeto. Seu universo instrumental é fechado, e a regra do seu jogo é sempre arranjar -se com os “meios limites”, isto é, um conjunto sempre finito de utensílios e de materiais bastante heteróclitos, porque a composição do conjunto não está em relação com o projeto do momento nem com nenhum projeto particular, mas é o resultado contingente de todas as oportunidades que se apresentam para renovar e enriquecer o estoque [...] (LÉVI-STRAUSS, 2008, p.33).

O *bricoleur* pode coincidir, a nosso ver, com aqueles professores astutos que se servem dos elementos disponíveis para cumprir suas tarefas do dia a dia. Sabem das dificuldades e dos impedimentos, mas pela natureza inventiva, não desanimam, começam a ampliar as oportunidades e transformar os ambientes. Transcende a um modo de pensar, é mais um modo de

ser, tal comportamento que permite ao *bricoleur* ter a disposição um estoque de materiais com sentidos múltiplos para além da matéria. Cada artigo representa um conjunto de relações e a totalidade dos mesmos representa a oportunidade de alcançar seus propósitos.

Os educadores *bricoleurs* são aqueles que possuem clareza e grande percepção, não contam somente com o conhecimento, mas com a profundidade e amplitude do pensamento. Sabem discernir e, capazes de adaptar e resignificar infinitas vezes, estão sempre em busca da compreensão de si e do mundo, procuram bem mais do que um método e pura técnica, pois conseguem tecer conhecimento a partir daquilo que dispõem com esperança, engenhosidade e imaginação. Enfim, sobretudo esses educadores são capazes de perceber a complexidade da vida e do ensino.

Um professor *bricoleur* pode enxergar num folheto dos quadrinhos, bem mais do que uma literatura popular, empregando ali, esperança e oportunidade do sucesso de sua aula. Visualiza um recurso inestimável para a aprendizagem, passando a pesquisar e estudar as formas mais eficientes de trabalhar aquele elemento. Pensa em múltiplas possibilidades, vai contextualizando e adaptando à realidade dos alunos. Ele se apropria de todos os meios-limites do recurso, seus elementos dinâmicos, a estética e ainda segue reinventando e recriando, pela natureza dialógica e o devir fecundo, ajuda os alunos na replicação de ideias, contribuindo para a formação de sujeitos mais aptos a enfrentar as contradições, religar as noções disjuntas e os saberes compartimentados e a compreender a realidade complexa.

Wonder Woman é uma personagem complexa que possibilita ao professor pensar o ensino pela *bricollage*, a partir do pensamento mítico, simbólico religando as duas maneiras de pensar para a condição humana. Ela mesma é um mito e, todos nós precisamos de estímulos para suscitar a aprendizagem mais plena, além da consciência, a mais intensa e integral que permite a orientação em todos os pensamentos, sentimentos e atos humanos.

Conclusões

Estes primeiros elementos obtidos através da pesquisa em curso refletem a necessidade de múltiplos olhares no ambiente formal de ensino, que incentive os professores a pensarem outras perspectivas de educação, para o alargamento das ideias e para a vida. Mannig (2017) salienta que a Mulher Maravilha, sendo uma heroína forte e astuta, trouxe diversos conhecimentos da ilha grega *Themyscira*, sua comunidade de origem, como os saberes e

valores da vida contemplativa, comunitária e ética, podendo os professores despertar esses mesmos pensamentos e sentimentos ocultos nos alunos.

A literatura evoca sentidos para conciliar a comunicação entre as fronteiras dos saberes, a abertura do pensamento. As histórias em quadrinhos, pela natureza poética, se utilizadas eficazmente como recurso em sala de aula, permitem a religação das culturas, científica e humanística, propõem o entrelaçamento entre o real e o imaginário, podendo incentivar os alunos para a aprendizagem inventiva e afetiva.

Referências

BUSARELLO, R. I.; BIEGING, P.; ULBRICHT, V. (Org.). **Mídia e Educação: Novos olhares para a aprendizagem sem fronteiras**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2013.

ECO, U. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectivas, 2006.

ESTÉS, C. P. **Mulheres que correm com os lobos**. Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.

ESTES, C. P. **Ciranda das Mulheres sábias**. Tradução de Waldea Barcellos; Consultoria de colação, Alzira M. Cohen. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

LOVETRO, J. A. Quadrinhos a linguagem completa. In: **Comunicação e Educação**. São Paulo: v. 2. p. 94-101, jan./abr. 1995.

MANGUEL, A. **O leitor como metáfora, o viajante, a torre e a traça**. Trad. José Geraldo Couto. Edições SESC, 2017.

MANNIG, k. M. **O mundo da Mulher Maravilha**. Copyright. DC Comics, Warner Bros, 2017.

MORIN, E. **A cabeça bem feita**. Repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

MORIN, E. **O método 6, ética**. 3ª ed. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MORIN, E. **Amor, poesia e sabedoria**. 7ª ed. Trad. Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005. Disponível em: <https://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/04/Amor-poesia-sabedoria.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2020.

STRAUSS, C. L. **Antropologia Estrutural**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1993.

STRAUSS, C. L. **O pensamento selvagem**. 8ª ed. Trad. Tânia Pelegrinni. Campinas, SP: Papyrus, 2008.